

Práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC)

Information Practices of Librarians and Reading Mediators from the Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC)

Yasmin Wink Finger¹

Edilene Maria da Silva²

RESUMO

Este trabalho busca compreender as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. Utiliza como método a pesquisa explicativa, enquanto meios de investigação utiliza a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo a partir da técnica de entrevistas com seis bibliotecárias e seis mediadoras de leitura. A análise dos dados foi realizada utilizando a análise de conteúdo e o uso do modelo bidimensional de práticas informacionais, a versão estendida de Yeoman (2010). Os resultados indicam que, além de consumidoras de informação, bibliotecárias e mediadoras se configuram como produtoras de conhecimento, valorizando sobretudo fontes pessoais e comunitárias. Conclui-se que as profissionais se utilizam de uma variedade de fontes de informação, mas que as fontes pessoais são as mais valorizadas. Considera-se que é fundamental que se tenha mais bibliotecárias atuando em bibliotecas comunitárias e que isso é responsabilidade das políticas públicas.

Palavras-chave: bibliotecas comunitárias; práticas informacionais; bibliotecárias.

ABSTRACT

This study aims to understand the information practices of librarians and reading mediators in the National Network of Community Libraries. It uses explanatory research as its method, employing bibliographic research and field research through interviews with six librarians and six reading mediators. Data analysis was conducted using content analysis and the two-dimensional model of information practices, the extended version by Yeoman (2010). The results indicate that, in addition to being consumers of information, librarians and mediators are also knowledge producers, valuing personal and community sources above all. It concludes that these professionals use a variety of information sources, but that personal sources are the most valued. It is considered essential to have more librarians working in community libraries, and this is a responsibility of public policies.

Keywords: community libraries; information practices; librarians.

¹ Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4505-514X>. E-mail: yasmin.wink@ufpe.br

² Professora do Departamento de Ciência da Informação, atuando nos cursos de Graduação em Biblioteconomia e em Gestão da Informação e no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco. Doutora em Ciência da informação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7840-3198>. E-mail: edilene.msilva@ufpe.br

Data de submissão: 20 fev. 2026

Data de aprovação: 20 jul. 2026

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, as bibliotecas comunitárias vêm se fortalecendo, seja através de políticas públicas ou da ação coletiva de diversas bibliotecas que se organizam e hoje formam a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). A partir de 2014, essas bibliotecas passaram a contar com o trabalho de bibliotecárias, as quais, fugindo dos caminhos tradicionais que normalmente são traçados, são responsáveis tecnicamente por mais de quatro bibliotecas, chegando a 16 em algumas regiões.

As bibliotecas comunitárias são iniciativas das comunidades, majoritariamente nas periferias das cidades do Brasil, chefiadas por mediadoras e mediadores de leituras, que são leitores e leitoras das bibliotecas, moradores das comunidades, militantes de movimentos sociais, familiares de leitores, educadores etc. A dedicação com o espaço leva-os a se tornarem leitores vorazes, escritores, contadores de histórias, cursam faculdades e se formam como educadores (Fernandez; Machado; Rosa, 2019).

Levando em consideração que a RNBC conta com mais de 120 bibliotecas comunitárias, em quatro regiões do Brasil e nove estados, é fato dizermos que este movimento social pelo direito humano à literatura tem força e representatividade para pesquisarmos suas expansões e organizações internas, trazendo reflexões para a Ciência da Informação (CI), tanto nos aspectos gerenciais, administrativos, técnicos, culturais e educativos.

A atuação das bibliotecárias da RNBC inaugura um campo profissional que envolve o assessoramento junto a mediadoras de leitura, e, portanto, deve ser analisada a partir das abordagens da Ciência da Informação, campo acadêmico que investiga a informação e suas formas de busca, compartilhamento, gerenciamento e difusão. Ao atuar em rede, a bibliotecária necessita de ferramentas específicas para gestão desses espaços. Desta forma, foi escolhida a abordagem social dos estudos de usuários - as práticas informacionais (PIs) - por oferecer um campo que compreende todos os sujeitos como mobilizadores de informação, os quais possuem um contexto histórico, social, cultural e político que é motivador.

As PIs envolvem não tão somente os processos de busca, compartilhamento e uso da informação, mas os significados que este processo é atribuído pelos sujeitos informacionais nos seus territórios informacionais. Indaga-se, portanto, **como são as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da RNBC?**

A investigação buscou compreender as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, a partir dos seguintes objetivos: estudar as práticas informacionais a partir das diferentes correntes históricas e sociais, caracterizar o trabalho das bibliotecárias e mediadoras de leitura da RNBC, identificar as práticas informacionais das bibliotecárias e das mediadoras de leitura da RNBC, e por fim, apontar como as práticas informacionais contribuem para os sujeitos nas bibliotecas comunitárias.

Os procedimentos metodológicos contemplaram uma pesquisa qualitativa, explicativa, através de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Os meios de investigação utilizados foram: a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica foi realizada nas plataformas da Ciência da Informação: Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), Repositórios em Rede, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Portal do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o site da RNBC.

A pesquisa de campo aconteceu em cinco bibliotecas. Da população de 300 mediadoras de leitura e 13 bibliotecárias, a amostra foi composta por cinco bibliotecárias a partir de determinados critérios e depois cada bibliotecária escolheu uma mediadora que atua junto com ela para integrar a pesquisa. As mediadoras de leitura da RNBC foram identificadas no feminino ao longo do texto pelo fato de 79% serem mulheres, 45% terem até 30 anos, e 21,5% de 31 a 40 anos. Em relação à escolaridade, 90% têm ensino médio, graduação ou pós-graduação completos (Fernandez; Machado; Rosa, 2019, p. 69). Não há nenhum estudo de caracterização das bibliotecárias da RNBC.

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. A análise dos dados foi baseada na análise de conteúdo de Bardin (2011) e o modelo bidimensional de práticas informacionais versão estendida de Yeoman (2010), a partir das categorias: busca ativa, varredura ativa, monitoramento não-direcionado, por procuração, sujeitos como fonte de informação e uso da informação.

Cada uma dessas categorias tem uma etapa de conexão e outra de interação. A escolha da combinação de análise de conteúdo e do modelo de Yeoman emerge como uma proposta de superação a partir da pesquisa de Barros (2016), que destacou a fragilidade em analisar as práticas informacionais apenas com os modelos, pois as questões sociais como recursos financeiros e intelectuais ou relações de gênero podem ficar de fora das análises.

2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS: o olhar contemporâneo sobre uma prática cotidiana

A informação pode ser analisada a partir de diferentes maneiras, no entanto, compreendemos como uma ação em que o sujeito informacional é ativo de seu processo, e portanto, a informação não seria como uma folha de papel em branco voando pelo céu azul, e sim, um processo com contexto cultural, social, político e histórico no qual o indivíduo que a pratica está inserido, como afirmam Nunes e Carneiro (2018, p. 154) “[...] de substantivo a informação passa a verbo – ou seja, de “coisa” passa a processo”.

Ao propor uma abordagem sócio cognitivista, Capurro e Hjørland (2007) analisam as comunidades discursivas e o quanto elas próprias têm informações que estão concatenadas umas às outras, neste caso, uma pedra num campo representa um tipo de informação para o geólogo e um outro para o arqueólogo. Para os autores, a informação como um conceito subjetivo depende de interpretação e produz significado a partir do olhar para a comunidade, tornando-a inclusive social, através das relações entre os sujeitos e o uso de objetos cotidianos (Marteleto, 1995).

Essa compreensão de informação é fundamental para entender o conceito de práticas informacionais, o qual deriva dos estudos de usuários, originários dos anos 1930, em que inicialmente tinham um caráter puramente administrativo, em que a informação era vista como algo quantificável e palpável (Araújo, 2017).

Já nos anos 1970, os estudos de usuários mudam o foco dos documentos para os usuários deles, embebedando-se do paradigma cognitivo. A partir dos anos 1990, com as críticas ao modelo cognitivo e o embalo do paradigma social, os estudos passam a questionar a ideia de que apenas o objeto ou o cognitivo em si são suficientes para estudar a forma como os usuários se comportam ou praticam a

informação. Em 1995, Reijo Savolainen introduz a discussão sobre “*everyday life information seeking*”.

Para além da importância da forma como o ser humano se apropria da informação, este modelo observa que ela é uma construção conjunta, sendo assim intersubjetiva, não sendo produto apenas de uma mente única, isolada a partir das suas próprias conexões, mas sim, “[...] construído pela intervenção dos vários sujeitos e pelo campo de interações resultante de suas diversas práticas” (Araújo, 2010, p. 103).

O termo “práticas”, de acordo com Araújo (2017) surge do conceito de “praxiologia” de Bourdieu (1996) relacionado a construção do conhecimento científico sobre a vida cotidiana, ela seria como um movimento em que o sujeito age no mundo e o transforma ao mesmo tempo, sobretudo a práxis é um processo de reflexão e ação conscientes. Araújo (2017, p. 221) afirma que “[...] estudar as práticas informacionais constitui-se num movimento constante de capturar as disposições sociais, coletivas e também as elaborações e perspectivas individuais de como se relacionar com a informação”.

Sejam as práticas informacionais de pesquisadores, de donas de casa ou de prostitutas, o estudo das PIs abarca todas as dimensões da vida de uma pessoa, conforme explicitam Isah (2009) e Harlan (2012), os quatro eixos dos estudos são: ambiente de trabalho, ambiente acadêmico, aprendizagem no local de trabalho e vida cotidiana. Os modelos de práticas informacionais auxiliam na compreensão do conceito do termo. O primeiro, de Savolainen (1995), abarca os fatores de trabalho, modelos de consumo e hobbies e é constituído pelas atividades do dia a dia e suas escolhas, tendo em vista os determinantes culturais e sociais. Este modelo foi uma criação inicial, tendo sido contestado por alguns autores e remodelado ao longo dos anos.

Pamela McKenzie (2003) criou um modelo baseado em seus estudos sobre as práticas de mulheres grávidas de gêmeos, em que entrevistou mulheres grávidas. O ponto principal de McKenzie é a ideia do acaso - do acidente - de se deparar com a informação. O comportamento acidental com a informação pode ocorrer pelos encontros casuais ou pela observação, escuta casual e conversas com conhecidos.

Com o objetivo de reformular o modelo de McKenzie, Yeoman (2010) aplicou o modelo da autora em outro contexto, o de mulheres na menopausa e identificou que o modelo de McKenzie por melhor que fosse, não apresentava a dimensão das

peessoas enquanto fontes de informação, portanto, o acrescentou, junto da compreensão de que nem todas as etapas de necessidade de informação são vencidas, seja por dificuldades na busca ou por falta de informação científica válida na sociedade.

3 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: mediadoras de leitura e bibliotecárias andando juntas na construção de um país de leitores

As bibliotecas comunitárias surgem por três questões principais, de acordo com Fernandez, Machado e Rosa (2019): o descaso dos governos em manter as bibliotecas públicas; atitudes dominantes do mundo bibliotecário e das políticas públicas de cultura e o desejo das comunidades em ter um espaço de cultura e informação tão negado a elas. Elas não são uma novidade em nosso país, pois de acordo com o estudo de Oliveira (1994), as bibliotecas populares representavam 16,7% do total de bibliotecas que existiam entre 1890 e 1930. Oliveira (1994) afirma que as bibliotecas populares representavam status e distinção social e buscavam solucionar necessidades informacionais não preenchidas pelas bibliotecas públicas, incorporando novos leitores ao universo já tradicional das bibliotecas.

No livro *O Brasil que Lê (OBQL)*, de Fernandez, Machado e Rosa (2019), as autoras identificam que 52,4% das bibliotecas foram criadas a partir de 2006. De acordo com as autoras, podemos dar créditos aos programas governamentais das áreas do livro, leitura, literatura e bibliotecas, “a exemplo do Programa Fome de Livro, de 2005; do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), em 2006; e do Programa Mais Cultura, de 2007, por meio do Concurso Pontos de Leitura 2008 – Edição Machado de Assis” (Fernandez; Machado; Rosa, 2019, p. 25). Foi a primeira vez que o governo federal reconheceu as bibliotecas comunitárias.

Em conjunto a este cenário de políticas públicas, os editais privados ganharam força, principalmente o financiamento do Instituto C&A, com o Programa Prazer em Ler (PPL). O programa teve início em 2006 e foi motor de muitas bibliotecas comunitárias, não só pelo apoio financeiro, mas também devido à assessoria pedagógica. As bibliotecas contempladas (organizadas em redes locais) participaram de formações e aprendizados.

Em 2015, as 11 redes locais apoiadas pelo PPL se uniram e formaram a RNBC que está localizada em quatro regiões brasileiras (norte, nordeste, sudeste e sul) e

tem mais de 100 bibliotecas comunitárias espalhadas pelas comunidades de periferia de nove estados brasileiros. Com o fortalecimento das ações de incentivo à leitura oriundas do investimento financeiro, técnico e sistemático proporcionado pelo programa e pela demanda de organização e dinamização das bibliotecas comunitárias, viu-se a importância de ter um bibliotecário como assessor técnico atuando nas redes locais que compõem a RNBC (Tressino *et al.*, 2019).

No ambiente acadêmico, o termo biblioteca comunitária foi utilizado pela primeira vez no Brasil por Carminda Nogueira de Castro Ferreira, em 1978. Entretanto, o uso do termo no Século XX ainda era bastante reduzido, nos anos 1980 foram encontrados oito artigos que citam as BCs, mas apenas dois tem como tema principal esta tipologia. A tese de doutorado de Elisa Machado (2008) é pioneira na área. A partir desta obra, foi possível compreender a biblioteca comunitária enquanto território de ação educativa e política, além de um espaço que vinha trazendo inúmeros frutos para a situação de leitura no Brasil. A obra intitulada “Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil” identificou 350 bibliotecas comunitárias no Brasil, traçou características, definiu conceitos, comparou tipologias de bibliotecas.

[...] um projeto social autônomo que tem por objetivo estabelecer-se como entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro com vistas a sua emancipação social. (Machado, 2008, p.64).

As bibliotecas comunitárias são vistas como um lugar de eficiência no sentido de efervescência cultural, valorização da literatura e leitura, participação social, mediação da informação, educativo, de coletividade, inclusão social, preservação da memória local, atuação a partir de projetos de extensão universitários, a defesa dos direitos humanos e enraizamento comunitário.

Segundo as bibliotecárias que atuaram na RNBC, Macedo *et al.* (2020), e Tressino *et al.* (2019), há algumas particularidades em trabalhar nas bibliotecas comunitárias, principalmente as que integram a RNBC, que descrevemos a seguir: a relação entre os saberes teóricos da academia e práticos do cotidiano de uma biblioteca; o trabalho em rede que reflete em uma atuação por assessoria, ou seja, que é voltada para o compartilhamento de saberes e construção coletiva e não da realização efetiva do trabalho sozinha; a valorização dos saberes culturais e educacionais em detrimento dos saberes técnicos: as profissionais bibliotecárias

buscam compartilhar seus saberes técnicos e teóricos junto às mediadoras de leitura, e por este motivo, possuem um perfil muito mais voltado à educação; a multifuncionalidade: a bibliotecária atua em diferentes frentes de trabalho, como comunicação, gestão compartilhada, mobilização de recursos, incidência política e ação cultural. Áreas que não são empreendidas no curso de graduação em Biblioteconomia, “[...] vai na contramão dos estigmas sociais e estereótipos de gênero atribuídos às bibliotecárias ao longo da história: uma postura apolítica e pouco dinâmica” (Macedo *et al.*, 2020, p. 491).

O papel da bibliotecária enquanto gestora da informação - seja ela política, para sustentabilidade, para organização do espaço, para comunicação, para organização interna do coletivo, para as formações - é um traço estruturante deste trabalho, como afirma Petit (2012), que é preciso ir além da técnica, abordagem tão necessária, mas que não deve ser a atividade fim da biblioteca.

4 FORMANDO UMA RODA, CANTANDO UMA CANÇÃO: resultados e análise

Ao longo desta seção descreveremos os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com bibliotecárias e mediadoras de leitura da RNBC e, por conseguinte, as análises destes resultados. A primeira seção refere-se ao contexto das profissionais e em seguida, cada uma das seções reflete uma etapa do modelo de Yeoman (2010). Na última etapa, apresentamos um quadro do Modelo de Yeoman (2010) a partir dos resultados encontrados.

4.1 Contextos e perfis das bibliotecárias e mediadoras de leitura

Para além de perguntas fechadas sobre idade e escolaridade, na etapa de perfil queremos entender como essas pessoas enxergam as bibliotecas, as mediações de leitura e suas atividades cotidianas. Realizou-se entrevista com bibliotecárias de 30 a 67 anos, com atuação nas BCs de cinco a nove anos. Das cinco entrevistadas, três possuem pós-graduação. Apenas uma bibliotecária diz morar na periferia e outra ter nascido em um território periférico.

A história da chegada nas BCs envolve: voluntariado, articulação com a universidade e até mesmo a criação do espaço. A maioria das bibliotecárias entrevistadas diz trabalhar em outro espaço além da rede. Os interesses das profissionais revelam a valorização da literatura, cultura e educação em suas vidas.

[...] Tudo começou porque eu era moradora de um bairro periférico e eu já fazia parte de um grupo de moradores que mobilizava um centro cultural e depois pude atuar como bibliotecária. Os mediadores pedem minha ajuda para elaborar projetos culturais para editais (Bibliotecária 1).

Dentre suas atividades, as bibliotecárias auxiliam na realização dos eventos culturais, escrita de editais para captação de recursos e o monitoramento e avaliação das atividades, buscando envolver mediadoras e comunidade, como revelam:

Antes da pandemia eu ia uma vez por mês em cada biblioteca, organizava o acervo, muito mais de orientação, eu sempre acho que a gente não tem que impor, tem uma coisa que é da comunidade, que é da biblioteca, que são das pessoas que estão ali, acho que a melhor forma é assim, mas isso também tem que ter algum significado para as pessoas, não é só catalogar e classificar e ficar bonito na estante (Bibliotecária 5).

A organização da informação atravessa todas as suas práticas, como produção cultural, mobilização de recursos, comunicação e incidência política, sendo um ponto chave da visão de sua função, como a produção de planilhas, planejamento, resumo de leis, diálogo com fornecedores. De acordo com as entrevistadas, a bibliotecária que atua em bibliotecas comunitárias precisa ter uma formação humanista, gostar de gente, ser flexível, ter uma visão da sociedade e da importância daquele trabalho. “É preciso ter jogo de cintura para saber que as BCs são múltiplas, cada uma tem seu perfil [...] (Bibliotecária 1). Os relatos de sobrecarga de trabalho e falta de tecnologia foram pontos negativos levantados.

Eu confesso que a gente tem uma ideia da área da biblioteconomia como pessoas que detém um saber muito inacessível, algo muito longe da gente acessar, mas na verdade toda essa imagem foi mudando quando passamos a atuar com uma bibliotecária. Então esse lance do sistema de catalogação, a gente utiliza o Biblivre, mas a gente foi acabando se apropriando de terminologias da biblioteconomia que a gente viu que não era um bicho de sete cabeças, ajudou a desconstruir uma imagem muito errada da profissão. Eu reconheço como uma verdadeira troca, os profissionais que passaram pela rede tanto deixaram saber quanto levaram saberes (Mediadora de leitura 5).

Em relação ao perfil das mediadoras de leitura, todas elas têm ou estão finalizando o ensino superior na área de educação. Realizou-se entrevista com mediadoras de leitura de 23 a 47 anos, com atuação na rede de quatro a 25 anos. Todas as mediadoras de leitura vêm da periferia e atuam em outros territórios, nem todos pagos, o que revela comprometimento enquanto militantes da cultura.

As trajetórias de chegada nas bibliotecas comunitárias são diferentes, mas o que chama atenção é que em todas as histórias, há uma ponte, uma mão que leva o

mediador até a biblioteca, em um primeiro momento, seja um professor, um educador ou amigo. Algumas mediadoras citaram as atividades que realizam após a leitura, o envolvimento do teatro na hora de contar histórias, brincadeiras populares e os eventos da rede. Todas as mediadoras citaram participar da organização de eventos nas bibliotecas comunitárias e na inserção das escolas como parceiras para a realização dos eventos.

É preciso ser um consumidor de cultura, frequentar espaços culturais, estabelecer pontes entre as linguagens artísticas, não ter uma relação pacífica com a arte, estar nessa relação conflituosa, é esse cabo de guerra e sempre ter a fome de informação (Mediadora de leitura 5).

O impacto das BCs na vida profissional das mediadoras de leitura foi palpável no diálogo com as cinco entrevistadas.

Eu morava no interior do estado e a minha perspectiva era terminar o ensino médio e pronto, quando eu comecei a trabalhar na biblioteca e fazer as formações (porque a biblioteca sempre fortaleceu a nossa aprendizagem, disseram que podíamos ser o que queríamos, incentivaram a gente a fazer a graduação) e é o que fazemos com as crianças hoje, tenho alunos fazendo biblioteconomia, pedagogia...e isso tudo é por meio da leitura (Mediadora de leitura 4).

Em relação às vivências com as bibliotecárias, algumas experiências são positivas, outras nem tanto. Mediadoras de leitura relataram que aprenderam tudo com as bibliotecárias, outra acha que ter o bibliotecário todos os dias na biblioteca dificultaria, por conta da rigidez do profissional.

Foram duas bibliotecárias fundamentais nesses processos e hoje a gente conta com o registro dos livros lidos na biblioteca que também contabilizamos como empréstimo, são consultas feitas localmente, outro instrumento que eu posso dizer é o aplicado pela bibliotecária que é um instrumento de caráter avaliativo onde se registra quantos livros foram emprestados pela biblioteca, nos nossos cadernos de presença onde as crianças assinam o nome (Mediadora de leitura, 5).

A partir de agora serão apresentadas as categorias, tanto aquelas propostas por Yeoman (2010), quanto às propostas por essa pesquisa com análises relacionadas aos saberes teóricos apresentados anteriormente.

4.2 Busca ativa

A busca ativa é uma forma direta de procurar a informação. Diante da pergunta sobre as estratégias de busca, as bibliotecárias e mediadoras citaram

majoritariamente profissionais próprios da RNBC, sejam eles mesmos ou documentos escritos por eles.

As estratégias de busca citadas pelas bibliotecárias foram as seguintes: I) pares da RNBC; II) RNBC como um todo; III) bibliografia acadêmica e; IV) bibliotecários de fora da RNBC. Os itens mais citados foram: pares da RNBC e bibliografia acadêmica.

Já as mediadoras citaram: I) pares da RNBC, II) RNBC como um todo, III) professores que atuam em escolas, IV) bibliografia da área, V) leitores, bibliotecária, VI) redes sociais, VII) livros do acervo da biblioteca. Os itens mais citados foram: pares da RNBC e bibliografia da área. As redes sociais foram citadas apenas por uma mediadora, a partir de páginas do Instagram.

O peso dado às experiências dos atores da RNBC é muito maior do que a escrita científica, seja produção deles mesmos ou de outras pessoas. A busca ativa entre as bibliotecárias e as mediadoras de leitura não foi tão citada como um recurso. Podemos inferir que as bibliotecárias, quando pensaram sobre as buscas para suas práticas, desprezaram efetivamente as estratégias de formações com as mediadoras, ou seja, pensaram em caminhos voltados para pesquisas com outras bibliotecárias para a realização das tarefas.

4.3 Varredura ativa

A varredura ativa não é especificamente direta, ela ocorre a partir da presença em locais apropriados. As mediadoras citaram as bibliotecas em que atuam, livros da biblioteca, da biblioteca escolar da região, grupo de Whatsapp de mediadoras de leitura da rede de bibliotecas, redes sociais, eventos e relatos de bibliotecárias.

As mediadoras de leitura comentaram sobre determinados espaços que consideramos varredura ativa: drive da rede, participação em grupos de Whatsapp da rede de bibliotecas; acervo da biblioteca; participação em espaços com professores, grupo de leitores da biblioteca, redes sociais, visita em outras bibliotecas. Os mais citados foram os grupos de Whatsapp da rede de bibliotecas, território este de intenso fluxo de informações.

A partir da fala das bibliotecárias foram identificados aspectos da varredura ativa, tais como: visitas nas bibliotecas, diálogos com a universidade, espaços de incidência política, produção cultural, formações e participação no grupo de Whatsapp

e reuniões da Comissão de Bibliotecárias. Os elementos mais citados foram: a presença nas bibliotecas e a comissão de bibliotecárias.

4.4 Monitoramento não direcionado

Nesta etapa, a busca pela informação ocorre acidentalmente em um lugar improvável, a partir de uma conexão por encontros casuais e interação por observação e escuta. Foram citadas as trocas despretensiosas com os moradores da comunidade, as conversas informais, as idas ao supermercado para comprar o café da biblioteca, a parada para o almoço no restaurante do bairro, o ônibus que pegamos, entre outros processos que as bibliotecas comunitárias chamam de enraizamento comunitário. O cotidiano como uma fonte de informação.

4.5 Por procuração

A etapa por procuração acontece quando outros atores se utilizam das fases anteriores para compartilhar uma informação com o agente, assim como quando esse agente é visto como uma fonte de informação, por conexão se caracteriza pela identificação dos buscadores de informação, e na interação pela escuta. As bibliotecárias citaram: referências de bibliotecárias de BCs anteriores, comissão de bibliotecárias, eventos da RNBC. A identificação do buscador de informação por parte do bibliotecário se deu por meio de outras bibliotecárias de bibliotecas comunitárias e de mediadoras de leitura da rede. E o momento de interação através da escuta e diálogo com esses profissionais.

Minhas maiores referências foram as próprias mediadoras da rede, tanto quanto eu entrei, as bibliotecárias quando eu entrei que tinha **** e ***** , foi fundamental para eu entender o funcionamento das coisas para saber como me comportar, meus limites ...eu achava que se não fosse CDD as pessoas não iam encontrar os livros. E claro a comissão de bibliotecárias, esse ano atuei menos, mas nos outros anos todos os nossos encontros, conhecer o trabalho de outras colegas eu acho que foram inspirações. ***** era referência sobre ser mais flexível, sobre escutar o outro, querer entender aquela comunidade. **** era referência nos manuais, do monitoramento. ***** ela me ajudou muito a querer fazer coisas bonitas, post its, padlets, Canvas, plano de trabalho. *** e ***** foram muito importantes na incidência política. *** ia muito em eventos nas bibliotecas. A aprendizagem vem da tua bagagem, mas 70% é a rede local e as bibliotecárias das outras redes (Bibliotecária 1).

Em relação às mediadoras, elas citaram: pares da RNBC, RNBC como um todo, formações no geral da RNBC e rede local, visita em outras bibliotecas

comunitárias e diálogos a partir destes encontros; diálogo com a universidade e professores. Nas conversas com as mediadoras, a primeira referência de contato para tirar dúvidas, dialogar sobre certos tópicos, procurar informação foram outras pessoas das redes (RNBC como um todo e as redes locais). “Pesquisei na internet, mas pergunto pra um colega que já sabe e pede indicação de sites e artigos por referência” (Mediadora de leitura 2). “Em primeiro lugar no grupo do WhatsApp das mediadoras de leitura” (Mediadora de leitura 1).

A prática por procuração não finaliza na etapa de interação, a partir da escuta, ela vai além. É realizada uma etapa de diálogo (que vai além da escuta) e pode ou não finalizar com a etapa que podemos chamar de mapeamento, em que a partir da conexão e da interação se mapeia um agente que é procurador de uma determinada informação para outras pessoas a partir de suas experiências ou de seus estudos.

Uma das etapas por procuração é ser identificado como uma fonte de informação, das cinco bibliotecárias entrevistadas, todas elas citaram terem escritos livros ou artigos sobre sua atuação.” Formações de gestão compartilhada, mediação de leitura, enraizamento comunitário, incidência política” (Mediadora de leitura 3).

Participei da publicação de um livro que faz essa coletânea de artigos sobre sequências didáticas com literatura que é uma publicação feita pela universidade, em 2014, e outra agora que é uma coletânea de textos sobre BCs que é o percurso formativo do Entre Redes da RNBC (Mediadora de leitura 3).

A estratégia por procuração ocorre a partir da identificação de fontes de informação, sobretudo àquelas que estão mais próximas de suas práticas, bibliotecárias procuram bibliotecárias e mediadoras procuram mediadoras, e, portanto, a partir disso, realizam outras estratégias como busca ativa ou varredura ativa. As formações realizadas pela RNBC são um espaço de práticas informacionais por procuração realizadas ao longo de todo o ano.

4.6 Sujeitos como fonte de informação

Os sujeitos enquanto fontes de informação é onde nos debruçamos sobre o compartilhamento de informações. Nas falas de Tressino (2019) e Macedo (2020) identificamos que a prática cotidiana das profissionais de biblioteconomia é voltada para o compartilhamento de seus saberes técnicos, teóricos e práticos com o restante da equipe, e são diversas as estratégias utilizadas por elas.

De acordo com o que foi citado por elas, o compartilhamento se dá através de: visitas nas bibliotecas, grupos de WhatsApp da rede de bibliotecas, formações em catalogação, classificação, organização do acervo etc. Construção de manual de procedimentos, reuniões mensais, produção de vídeos etc. Já com as mediadoras nós vemos: publicação de textos do programa Entre Redes, visitas nas bibliotecas, grupo de WhatsApp da rede de bibliotecas.

Há diversidade nas formas de compartilhar as informações, buscando atender as demandas individuais, mas a quantidade de informações que circula é grandiosa. A gestão compartilhada é uma área analisada pelas BCs, como uma forma de se fazer gestão, horizontalmente, como afirma a mediadora:

O que a gente faz é muito particular nosso, às vezes tenho dificuldade de achar material sobre gestão compartilhada porque só a gente faz daquele jeito, então a gente olha para nossa própria prática e escreve sobre ela. Trocamos artigos sobre gestão democrática, que é o que mais se aproxima sobre a gestão compartilhada. A gente traz essa temática para dialogar. Pro momento de escrita recorre a outras bibliotecárias e universidades, sou estudante de pedagogia, quando vou falar sobre gestão compartilhada de BC eu recorro aos professores da faculdade para buscar materiais que se aproximam disso dentro da pedagogia (Mediadora de leitura 5).

É possível perceber a preocupação em se estudar a teoria junto da prática realizada. Todas as entrevistadas citaram pessoas como fontes de informação, através de busca, compartilhamento, uso da informação, promoção de formação etc. As pessoas citadas majoritariamente eram bibliotecárias e mediadoras de leitura, mas há citações para autoras da área como Michele Petit e Silvia Castrillón.

[...] uma pessoa falou para mim que a particularidade do bibliotecário é classificar e catalogar e não pode deixar ninguém fazer, eu acho que não é só isso nosso trabalho. Acho importante que as pessoas possam fazer, possam ter conhecimento para trabalhar nessas bibliotecas. As pessoas precisam se apropriar dos conhecimentos, não pode ser só nossa. Tem uma área de conhecimento deles que é muito importante também, é compartilhar conhecimento (Bibliotecária 5).

Em relação às bibliotecárias: bibliotecárias da RNBC, mediadoras de leitura da RNBC, bibliotecários no geral (fora da RNBC). As mediadoras citaram: bibliotecárias da RNBC, mediadoras de leitura da RNBC, bibliotecárias, educadores da universidade. As bibliotecárias são procuradas mais para questões técnicas de biblioteconomia, como catalogação e classificação.

4.7 Uso da informação

Para as bibliotecárias citamos os seguintes usos da informação: diálogos com a universidade, incidência política, escrita de projetos para captação de recursos, produção cultural, comunicação, formação em catalogação e classificação por cores, gestão de bibliotecas, planejamento estratégico de bibliotecas, monitoramento e avaliação de dados e gestão compartilhada.

Já as mediadoras citaram mediação de leitura com crianças, jovens, adultos e idosos, planejamento de ações culturais/eventos, desenvolvimento de formações, mobilização da comunicação da rede/biblioteca, incidência política, mobilização de recursos, atividades voltadas à garantia de direitos humanos nas comunidades, desenvolvimento da gestão compartilhada.

4.8 Produção de conhecimento

Os profissionais que atuam nas BCs não apenas são fontes de informação, mas também produtoras de conhecimento. Os sujeitos como fontes de informação são sujeitos que se comunicam uns com os outros ou compartilham informações em locais apropriados sobre as suas experiências. Ser um produtor de conhecimento vai além disso, perpassa a construção de um conhecimento sobre o assunto, do alinhamento com pares (outras bibliotecárias e outras mediadoras de leitura), da reflexão da práxis, da leitura de textos e da escrita de processos. Para ser um produtor de conhecimento é preciso ser um indivíduo como fonte de informação. Por este motivo, propomos como uma etapa seguinte a ela, em que o sujeito a partir das experiências como fonte de informação pessoal, passa para a produção de conhecimentos.

O que descrevemos caracteriza-se como competência. Os sujeitos aqui não só possuem informações e conhecimentos sobre bibliotecas comunitárias, mas competência, pois têm a “capacidade do aprendiz de mobilizar o próprio conhecimento que o ajuda a agir em determinada situação” (Gasque, 2013, p. 5). Setzer (1999) ainda empreende outras características para uma pessoa com competência informacional como criatividade, conhecimento e habilidades pessoais. Para ele, o conhecimento não pode ser passado sem que haja interação social entre os indivíduos, já a competência envolve o educando “colocando a mão na massa” e experienciado na prática os saberes.

Os sujeitos passaram de fontes de informação de um conhecimento tácito, para um conhecimento explícito, gerando assim um registro, uma memória de suas

práticas. Prado e Machado (2008) abordaram o papel da BC na guarda e preservação da memória local, mas identificamos que elas vão além disso, as bibliotecas comunitárias são produtoras de conhecimento sobre gestão compartilhada, mobilização de recursos, mediação de leitura literária, biblioteconomia, incidência política.

Não queremos dizer que, para se ter competência informacional é preciso produzir conhecimento, mas que essa prática nas BCs reflete uma competência informacional. Das cinco bibliotecárias entrevistadas, todas elas citaram terem escrito livros ou artigos sobre sua atuação. “Produzi na época da RNBC e tinha um projeto chamado Entre redes - aí eu fui a pessoa da rede no Entre Redes e falei sobre articulação, incidência política, fizemos um livro” (Bibliotecária 2).

As mediadoras de leitura também são reconhecidas como autoras pelos seus pares como vimos no item prática por procuração. As produções de conhecimento citadas pelas entrevistadas referem-se à: mediação de leitura, incidência política, literatura, gestão compartilhada, entre outros. Os canais de produção de conteúdo são canais formais como revistas, livros e artigos científicos. “Já escrevi um artigo de uma revista sobre direitos humanos” (Mediadora de leitura 1).

[...] lembrei de um texto para a campanha "Livro importa", que fiz com outros dois mediadores. E alguns textos para a coluna na rede social, que fiz junto aos colegas do GT de Incidência Política, em que falamos de assuntos atuais que requerem algum posicionamento e pautas dos livros, leitura, literatura e bibliotecas, que sempre tentávamos fazer link com a rotina das bibliotecas, nossa forma de trabalhar (Mediadora de leitura 2).

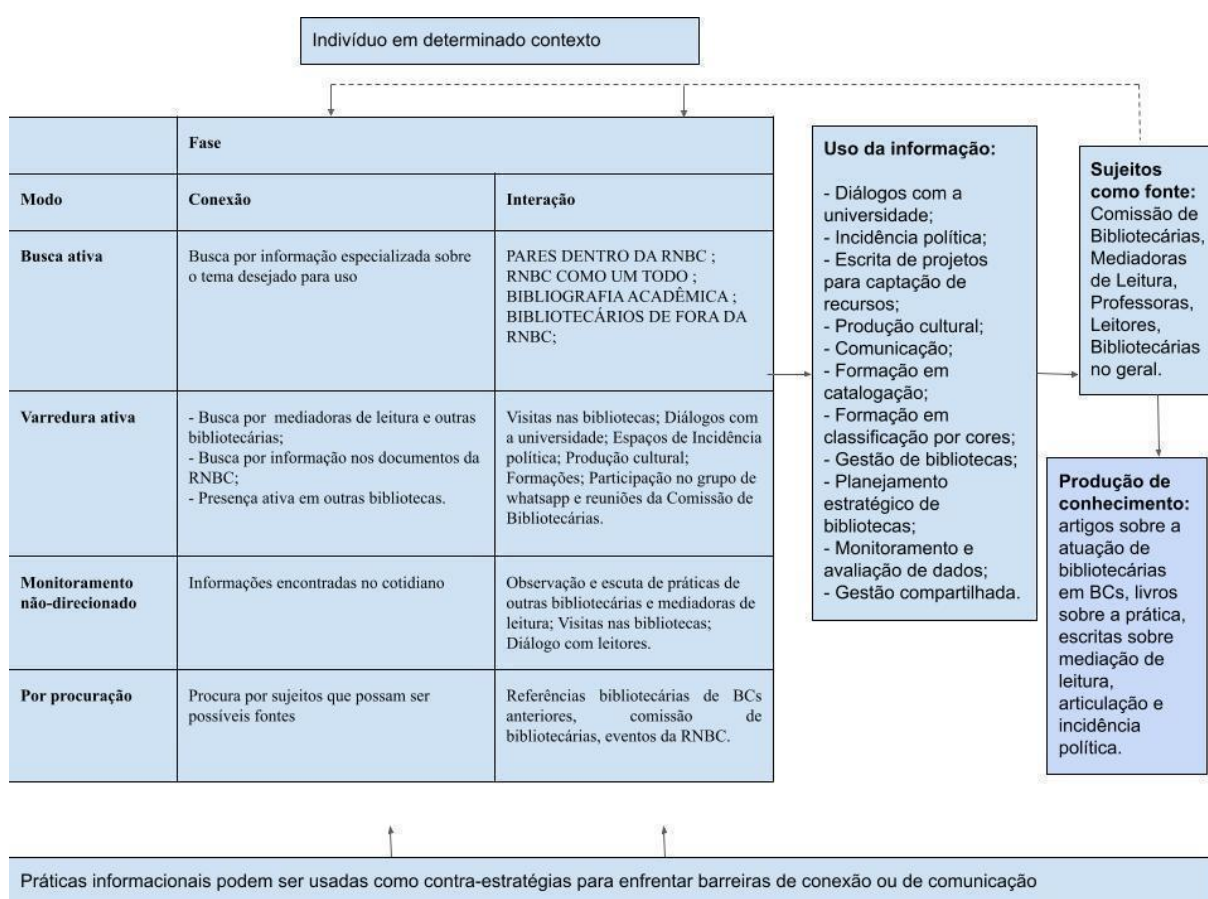
Já dei formações de gestão compartilhada, mediação de leitura, enraizamento comunitário e incidência política. A formação é um momento que a gente revisita os saberes da nossa prática, eu considero trocas formativas. Artigo científico - participei da publicação de um livro que faz essa coletânea de artigos sobre sequências didáticas com literatura, em 2014, e outra agora que é uma coletânea de textos sobre BCs que é o percurso formativo do Entre Redes da RNBC (Mediadora de leitura 5).

A produção de conhecimento no sentido de conexão se dá pelo reconhecimento das pessoas enquanto autoras, do reconhecimento de espaços de comunicação e dos encontros com pares para as escritas, e a interação é no momento da escrita e publicação. E assim as equipes são validadas, seja pelos seus pares, pela academia ou pelo leitor da biblioteca.

4.9 Categorias de análise a partir do modelo de Yeoman (2010)

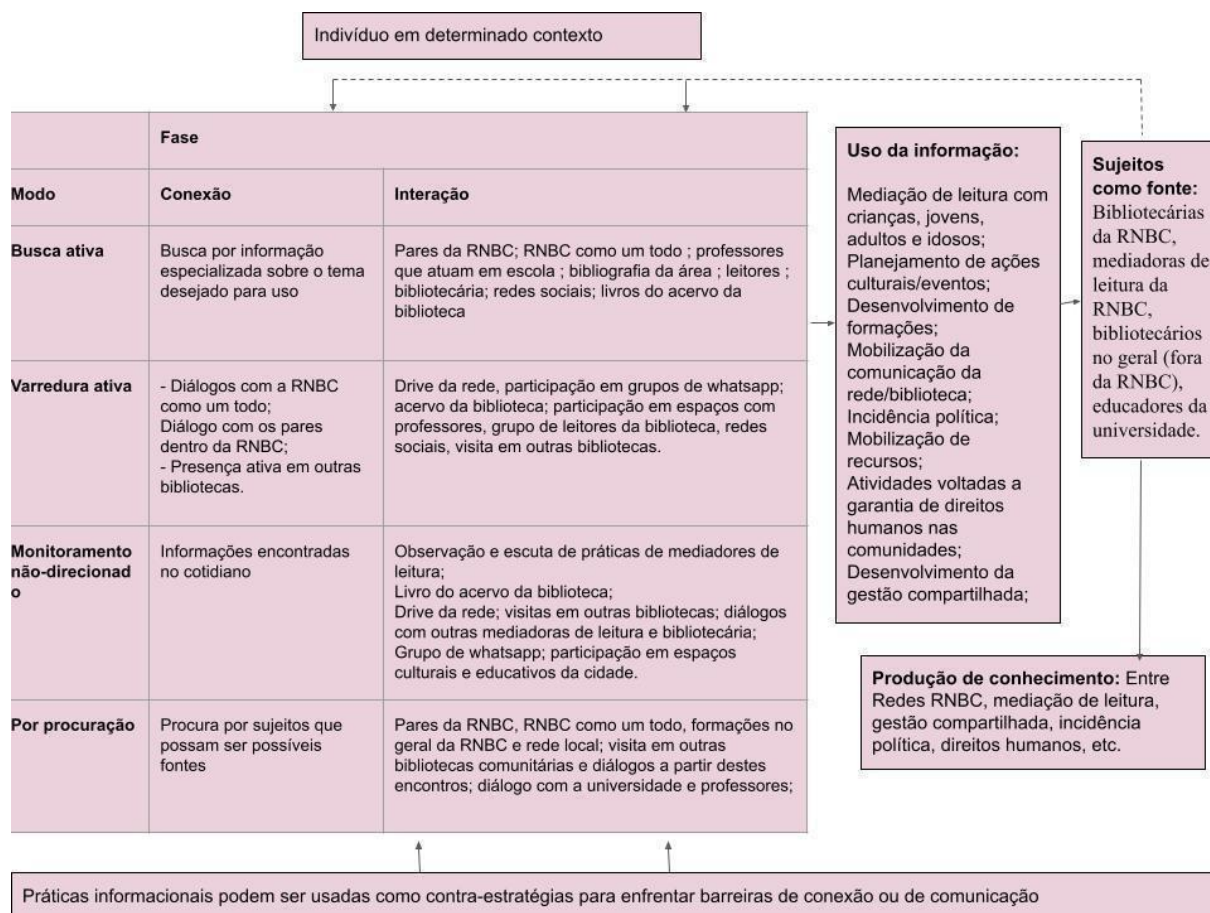
A fim de evidenciar os resultados e sintetizá-los, apresentamos as Figuras 8 e 9 das categorias de análise a partir do modelo de Yeoman (2010) com as respostas das bibliotecárias e mediadoras de leitura.

Figura 1 - Categorias de análise apresentadas de acordo com o modelo de Yeoman (2010) do grupo de Bibliotecárias



Fonte: adaptado de Yeoman (2010).

Figura 2 - Categorias de análise apresentadas de acordo com a versão estendida do modelo de Yeoman do grupo de Mediadoras de Leitura.



Fonte: adaptado de Yeoman (2010)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias de práticas informacionais auxiliaram na compreensão das formas de busca, compartilhamento e uso da informação por parte de bibliotecárias e mediadoras de leitura da RNBC. Os textos publicados pela RNBC dialogam com autores da educação, literatura e direitos, como Paulo Freire, Michele Petit e Silvia Castrillón, o que reflete em uma teoria que não é somente de um conhecimento tácito, mas que se transforma em conhecimento explícito e produz um novo produto, que perpassa as experiências coletivas relatadas.

Tanto bibliotecárias quanto mediadoras de leitura apresentam experiências de longa data com as bibliotecas comunitárias, e que passam por diversos cargos, o que reflete em um compromisso com as bibliotecas comunitárias. As bibliotecárias apresentam-se como profissionais que se relacionam com práticas não somente voltadas à custódia de materiais, mas que também são educadoras, criativas em

pensar novas estratégias para a sua prática e que precisam ter flexibilidade. As experiências de gestão horizontalizadas poderiam ser inseridas nos debates sobre gestão de bibliotecas nas universidades, pois há novos caminhos a serem trilhados, novas experiências de vivência de biblioteca que a biblioteconomia pode acompanhar.

As mediadoras de leitura são pessoas que foram transformadas por esses espaços, pois as bibliotecas são como suas casas, um quintal ou uma extensão de si mesmas. São jovens que encontraram um caminho profissional, voluntários que encontraram um emprego, pessoas que foram chamadas em lugares que sempre sonharam em trabalhar. Os pés que vêm da comunidade trilham um caminho que conhece o solo, então fortalecem aspectos como identidade, pertencimento, enraizamento comunitário. Esse encontro se dá por um amigo que levou até lá, um professor, uma ponte, uma mediação.

Ainda que escassa, a literatura sobre bibliotecas comunitárias teve um aumento exponencial com a RNBC, sobretudo nos últimos anos. A presença das bibliotecárias na escrita dos artigos auxilia na validação das BCs no universo da Biblioteconomia. A necessidade informacional de textos sobre classificação por cores e outras metodologias utilizadas pelas bibliotecas da RNBC as mobiliza a realizarem suas próprias formações e escreverem seus próprios textos. A troca de experiência entre as bibliotecárias na comissão de bibliotecárias mostrou-se como um ambiente propício para diálogos e acolhimento.

A criatividade é um destaque, pois as profissionais possuem uma variedade de estratégias de fontes de informação, sejam elas pessoais ou documentais; variedade de formas de buscar a informação; intensa relação com diversos espaços que promovem o monitoramento-não direcionado e a varredura ativa; vasto uso da informação e, por fim, a produção de um conhecimento que registra tudo isso. Profissionais criativos são aqueles que buscam novas formas de se fazer as coisas, inventam novos combinados, novos olhares e mudam as coisas de lugar.

Quando vemos a variedade de classificações dos livros, estratégias de apresentar classificação e catalogação para as mediadoras de leitura e as estratégias de mediação, percebemos profissionais que se reinventaram nos seus espaços. Essa criatividade é uma contra estratégia de enfrentamento às barreiras que as bibliotecas comunitárias enfrentam: a falta de recurso financeiro.

O caráter horizontalizado da gestão permite que as profissionais exponham seus olhares sem que haja autoritarismo. O cuidado e o respeito com as experiências

das mediadoras de leituras, como o dia a dia da comunidade, o diálogo com parceiros, sobretudo os leitores e suas vivências. Neste sentido, a prática fica em primeiro lugar como argumento na tomada de decisões, em segundo plano, a experiência de outras profissionais e, por fim, a teoria. O debate entre esses três espaços (prática, prática do outro e teoria) é bastante interessante, pois evidencia um conceito estrutural: as ações não vão funcionar se não forem decisões coletivas.

A autoridade que encontramos é diferente do autoritarismo, pois as bibliotecárias valorizam as mediadoras de leitura em seus saberes de mediação de leitura, e na fala das mediadoras o quanto valorizam as bibliotecárias nos saberes de biblioteconomia. A função da bibliotecária em bibliotecas comunitárias, a partir do olhar para as suas práticas, é de uma profissional que precisa ter foco na gestão.

No entanto, não é qualquer gestão, é uma gestão compartilhada, atenta às necessidades de cada comunidade. Acolhendo o que cada biblioteca vê como organização, e não pegar algo pronto e entregar. A gestão é documental, pois precisa que as profissionais organizem as informações de uma grande quantidade de bibliotecas, portanto, é necessário que utilize ferramentas, como as citadas por elas, Google docs, Agenda, Trello, Padlet, Canva. A gestão é de pessoas, pois a bibliotecária, em suas visitas, orienta uma gama de ações, como o diálogo com instituições e as relações com os leitores.

A técnica é fundamental para o desenvolvimento da Biblioteconomia, e ela não deve ser negligenciada ou questionada, todavia, não são as técnicas de classificação e catalogação uma atividade fim da biblioteca, ou pelo menos, não deveriam ser, mas sim, as práticas de disseminação do acervo e no caso de bibliotecas com acervo literário, de formação de leitores. As bibliotecárias de BCs atuam na incidência política, produção cultural, gestão compartilhada, literatura.

As fontes de informação utilizadas pelas bibliotecárias e mediadoras de leitura ao longo da pesquisa estão descritas a seguir:

Fontes pessoais são as principais e as mais valorizadas: profissionais que atuam na rede, ou que já atuaram, formadores que atuam no Programa Prazer em Ler, profissionais das universidades parceiras, professores das escolas ao entorno das bibliotecas;

Fontes documentais: textos produzidos pela RNBC: Expedição Leituras, O Brasil que Lê, além de autores como Silvia Castrillón, Michele Petit, Antonio Candido,

Paulo Freire, e demais textos que envolvem biblioteconomia, educação, comunicação popular e direitos humanos.

Fontes institucionais: Centro de Cultura Luiz Freire, universidades, Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC), entre outras instituições que integram ou são parceiras das redes.

Existe uma vasta exploração de fontes de informação, em destaque as fontes pessoais, reflexo da atuação de profissionais que passam de fontes de informação a produtoras de conhecimento, através das trocas internas e externas das bibliotecas. Tornando-se autoras, as profissionais apresentam suas experiências ao mundo, são validadas por outros campos, convidadas a palestrar e, assim, ampliam ainda mais as articulações para si e para as instituições.

Concluimos que as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras de leitura da RNBC contribuem para a construção de um ambiente informacional de valorização dos saberes individuais e coletivos, de construção coletiva dos saberes, dos diálogos entre os saberes, da valorização do conhecimento tácito e produção de conhecimento explícito. Apropriadas dos saberes de biblioteconomia, transformam o olhar para as bibliotecas e a mediação de leitura como um todo.

Contudo, é preciso avançar na produção dos conhecimentos das bibliotecas comunitárias, sobretudo em relação às experiências técnicas que empreendem. Indicamos que as bibliotecas comunitárias precisam de mais bibliotecários, e que para isso acontecer, os fazedores de políticas públicas e aqueles que destinam recursos financeiros para a garantia delas precisam agir.

Sem recursos financeiros, as bibliotecas comunitárias desaparecerão e o que ocorrerá será a perda irracional de um saber desenvolvido há décadas. O apoio financeiro do governo brasileiro junto às BCs ainda é mínimo, nós questionamos o que fariam as bibliotecas comunitárias se tivessem apoio governamental na garantia do direito humano à leitura? Estudos futuros podem aprofundar o entendimento sobre as práticas informacionais de bibliotecárias e mediadoras, bem como, de usuários e outros membros da biblioteca.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A. A. O conceito de informação na Ciência da Informação. **Informação & Sociedade**, v. 20, n. 3, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/92189>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- ARAÚJO, C. A. A. O que são “práticas informacionais”? **Informação em Pauta**, v. 2, n. especial, p. 217-236, 2 nov. 2017. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655>. Acesso em: 07 abr. 2022
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, F. M. M. **Protagonismo nas práticas informacionais de mães de crianças alérgicas**. 2016. 186 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/fcf3ac56-807d-4e04-8338-42118cabf0e7/content>. Acesso em 02 mai. 2023
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papius, 1996
- CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360>. Acesso em: 03 mar. 2021
- FERNANDEZ, C.; MACHADO, E.; ROSA, E. **O Brasil que lê**: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores. Olinda: CCLF, Brasil: RNBC, 2019.
- GASQUE, K. C. G. D. Competência em informação: conceitos, características e desafios. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, v. 2, n. 1, p. 5-9, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41315>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- HARLAN, M. A. **Information practices of teen content creators**: the intersection of action and experiences. A Grounded Theory study. 2012. Thesis (Doctor of Philosophy) - School of Information Systems, Science and Engineering Faculty, Queensland University of Technology, Queensland, Austrália, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/74885609/Information_Practices_of_Teen_Content_Creators_The_Intersection_of_Action_and_Experiences_A_Grounded_Theory_Study. Acesso em: 16 fev. 2022.
- ISAH, E. E. **Physicians' information practices**: a case study of a medical team at a Teaching Hospital. 2009. Thesis (Doctor of Philosophy in Library and Information Science) – Swedish School of Library and Information Science, University of Borås, Borås, Suécia, 2009. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/physicians-information-practices-a-case-study-of-a-medical-5da8xq4f7g.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

MACEDO, P. Q. et al. Bibliotecária em bibliotecas comunitárias. *In*: SILVA, F. C. C. da. (Org.). **O perfil das novas competências na atuação bibliotecária**. 1 ed. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020, p. 465-497.

MACHADO, E. C. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.27.2008.tde-07012009-172507. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.html>. Acesso em: 09 ago. 2020

MARTELETO, R. M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 24, n. 1, 1995. DOI: 10.18225/ci.inf.v24i1.613. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613>. Acesso em: 14 abr. 2022

MCKENZIE, P. **A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking**. *Journal of Documentation*, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003. Disponível em: https://publish.uwo.ca/~pmckenzi/McKenzie_J.Doc_2003.pdf. Acesso em: 1 jun. 2021.

NUNES, J. V.; CARNEIRO, B. L. F. Dos estudos de usuários à noção de práticas informacionais: contribuições da Teoria da Prática. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 150-168, 2018. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v9i2p150-168. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/134406>. Acesso em: 11 abr. 2022

OLIVEIRA, Z.C.P. de. **A biblioteca "fora do tempo": políticas governamentais de bibliotecas públicas no Brasil: 1937-1989**. 1994. Tese. (Doutorado em Ciência da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1437/000083832.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 fev. 2022.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. 2 ed. São Paulo: Boldrini, 2012.

PRADO, G. M.; MACHADO, E. C. **Território de memória: fundamento para a caracterização da biblioteca comunitária**. 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/179342>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: approaching information seeking in the context of "way of life". **Library & Information Science Research**, Amsterdam, v. 17, n. 3, p. 259-294, 1995. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0740818895900489>. Acesso em: 12 out. 2025.

SETZER, V. W. Dado, Informação, Conhecimento e Competência. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, n. zero, 1999. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/dado-info.html>. Acesso em 12 out. 2025

TRESSINO, C. S. *et al.* **As bibliotecárias da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias**: um relato de experiência. *In*: 23o CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2019, Vitória. **Anais...**, 2019. v. 28. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2362>. Acesso em 05 mar. 2024

YEOMAN, A. Applying McKenzie's model of information practices in everyday life information seeking in the context of the menopause transition. **Information Research**, Lund, v. 15, n. 4, 2010. Disponível em: <https://informationr.net/ir/15-4/paper444.html>. Acesso em: 20 abr. 2022.